

**“AINDA HÁ MUITO QUE NÃO DIZEMOS COM NOSSAS VOZES, QUE  
NÃO TRANSFORMAMOS EM PALAVRAS”: FORMAÇÃO  
LITERÁRIA E CRÍTICA DE GÊNERO A PARTIR DA LEITURA DE  
HIBISCO ROXO**

Jéssica Kelly dos Santos Hermínio <sup>1</sup>

Paloma Mahely da Silva Ribeiro <sup>2</sup>

Zuila Kelly da Costa Couto Fernandes de Araújo <sup>3</sup>

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é fruto das discussões empreendidas a partir de um projeto de pesquisa do grupo LILAS – *Leituras Interculturais de Literatura, Arte e Sociedade* – vinculado ao *campus* Patos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Em termos específicos, trata-se de uma leitura inicial da obra *Hibisco Roxo*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Rompendo com a noção equivocada de que o estudo da literatura no ensino médio está restrito à apresentação esquemática de escolas e tendências atreladas à historiografia literária, propõe-se uma vivência de leitura literária que seja capaz de contemplar valores linguísticos e estéticos, observando significantes e significados, personagens e cenários para a partir de tais elementos buscar modos de ver os fatos, visões de mundo e suas implicações na construção da realidade. Assim sendo, partiu-se da ideia de que as leituras realizadas no espaço escolar devem romper com os paradigmas exclusivos de reprodução dos valores vigentes, para além disso, constituem-se como instrumento de transformação do mundo. Chimamanda Ngozi Adichie, escritora e feminista, nasceu em 1977 em Enugu na Nigéria. Hoje, aos 41 anos, é reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras que atrai uma geração de leitores para a leitura africana. Suas obras questionam a condição feminina na sociedade contemporânea e elaboram representações literárias que buscam superar tal condição. Dentre as obras escritas pela autora, destaca-se neste trabalho o romance *Hibisco Roxo*, a partir do qual se propôs o seguinte questionamento: como o romance representa a realidade das

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso Técnico em Edificações do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, kelly.jessica184@gmail.com;

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, palomamahely.ribeiro.04@gmail.com;

<sup>3</sup> Professora orientadora: Mestre em Literatura e Interculturalidade, IFPB, zuila.araujo@ifpb.edu.br

personagens e de que forma tais representações promovem a reflexão a respeito do lugar das mulheres na sociedade? Para embasar teoricamente a discussão, recorreu-se a autores como Heleieth Saffioti (2015), ao discutir os conceitos de gênero, patriarcado e violência; Djamila Ribeiro (2018), ao elucidar questões específicas em relação ao feminismo negro; Ligia Chiappini (2006), por suas considerações no que diz respeito à importância do trabalho com a Literatura e Gabriel Perissé (2004), que trata do poder formativo da experiência estética.

## **METODOLOGIA**

O texto apresentado neste trabalho constitui um recorte da pesquisa que vem sendo realizada, via programa institucional de fomento à prática de pesquisa no IFPB. A natureza do estudo é qualitativa e bibliográfica, tendo em vista que são tecidas considerações sobre as relações do texto literário com a sociedade, a partir de leituras de obras literárias e estudos culturais.

Para elaboração deste trabalho, foram seguidas três etapas distintas: a primeira delas, compreendeu a realização de encontros semanais com o grupo para direcionar as leituras e fomentar as discussões teóricas que fundamentam as análises. Neste sentido, durante os encontros foi construído o referencial teórico a partir da crítica feminista, que leva em consideração, na análise de uma obra, o gênero do autor, o gênero do leitor e as configurações sociais que permeiam a vida de homens e mulheres, o que não quer dizer que o texto literário seja uma “cópia” ou um mero reflexo da realidade, pelo contrário: ele é um amálgama de dados ficcionais e reais, de forma que a realidade nunca é refletida na estrutura ficcional, e sim filtrada por fatores estéticos. (BELLIN, 2011, p. 9).

Na segunda etapa, foi feita a delimitação do *corpus* de pesquisa a partir da leitura da produção literária ficcional da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que conta com as seguintes obras: *Hibisco Roxo* (2003), *Meio sol amarelo* (2006), *No seu peçoço* (2009) e *Americanah* (2013); tendo sido selecionada para este trabalho, a primeira obra, tendo em vista a pertinência das representações dos perfis femininos construídos pela autora ao longo do romance. De forma concomitante à leitura da obra, foi feito também um estudo biográfico acerca da escritora, compreendendo as particularidades de sua escrita como marcas de um sujeito que se inscreve no discurso no intuito de alcançar determinada intenção comunicativa.

A terceira e última etapa do trabalho teve como foco principal a análise literária da obra, começando pelos seus aspectos estruturais, especialmente no que diz respeito à caracterização

das personagens e ao desenvolvimento do enredo, para a partir desses elementos buscar uma compreensão mais ampla das relações entre literatura e sociedade. Quanto à metodologia para realização da análise, optou-se pelo método dialético, que permite observar e interpretar realidades que se contrapõem e que exercem força umas sobre as outras.

Os resultados apresentados são uma amostra parcial da pesquisa que está sendo desenvolvida, de maneira que as orientações que serão realizadas até a data do evento, bem como as possíveis sugestões que virão após a apresentação do trabalho serão incorporadas ao texto, observando-se a relevância e pertinência para o desenvolvimento do estudo.

## **DESENVOLVIMENTO**

O contato com textos literários é de grande relevância para a formação do sujeito ao longo da educação básica. As contribuições vão muito além da aquisição do sistema formal da língua padrão e suas convenções normativas. A leitura de textos literários possibilita o contato com diferentes subjetividades e percepções do mundo. Assim sendo, é de extrema importância que a escola oportunize situações de leitura que sejam significativas para as/os estudantes. Ao entrar em contato com textos de caráter artístico é possível despertar uma série de competências. Corroborando essa visão, Gabriel Perissé mostra que

A experiência estética abre a porta para uma compreensão radical da realidade e do ser humano. Uma obra de arte com a qual se possa relacionar de maneira a iluminar a concepção de mundo é uma via privilegiada de acesso também a si mesmo, um convite instigante para se repensar a própria conduta, para se reavaliar a hierarquia de valores, uma provocação para se questionar possíveis convívios pessoais com a mediocridade, com a falta de criatividade que se nota em comportamentos intolerantes, autoritários, rígidos, pragmáticos, egocêntricos, materialistas, niilistas, reducionistas etc. (PERISSÉ, 2004, p. 75-76)

Ao trazer para o ambiente escolar a produção de uma escritora contemporânea é notória a contribuição para a formação de um público-leitor que interage de maneira ativa com os textos, tendo em vista que tal atividade ultrapassa o limite da aquisição de um conhecimento formal, institucionalizado e, por vezes, distante da realidade dos atores envolvidos. Ao contrário, as temáticas exploradas estão diretamente relacionadas às vivências pessoais. Em sentido mais estrito, além da produção de um conhecimento acadêmico, a leitura literária abarca a formação integral do sujeito, sob o prisma da *omnilateralidade*, ou seja que contempla o ser em toda a sua essência. A esse respeito, Chiappini acrescenta que

Ler um texto (...) nos leva a entrar em contato com uma outra experiência, reconstruí-la e reconstruirmo-nos. E construir-se significa, sobretudo inscrever-se na experiência, no real. Uma leitura profunda conduz a uma espécie de imersão no universo das palavras e, quando o leitor volta à tona, se encontra numa terceira margem. Nela, ele pode rever-se, ampliando seu conhecimento de si e do mundo. (CHIAPPINI, 2006, p. 16)

Em se tratando das contribuições do Feminismo para esse estudo, é importante ressaltar o entendimento de que essa pesquisa parte da visão metodológica proposta por Safioti, ao enxergar na crítica feminista tanto um aporte teórico, quanto uma prática, um caminho metodológico. Assim sendo, justifica-se a escolha de uma obra escrita por uma mulher, com personagens femininas, lida por pesquisadoras mulheres. Tais escolhas buscam um ideal comum aos estudos feministas, como já fora explicitado no livro *Gênero, patriarcado e violência*, da autora citada anteriormente.

O feminismo traz um potencial crítico bastante capaz de apontar caminhos, trilhas, picadas para se atingir o alvo expresso e desejado, ou seja, a democracia plena. Entretanto, isto não basta; é preciso saber utilizá-lo, selecionando as melhores estratégias em cada momento, o que cabe ao leitor julgar e realizar. (SAFIOTTI, 2015, p. 10)

Uma contribuição importante a ser mencionada ainda é a perspectiva da alteridade ao refletirmos acerca das possibilidades levantadas pela obra literária em análise. É importante lembrar, que ao longo do processo de humanização que a experiência estética proporciona, por vezes o leitor estará diante de representações que extrapolam o seu universo, isto é, trazem novas referências ao repertório de suas experiências sociais. Neste sentido, é imprescindível compreender as especificidades das situações representadas. Ao nos apresentar o universo de suas personagens, Chimamanda nos transporta para territórios diversos. Esse contexto nos leva a refletir, como sugere a estudiosa Djamila Ribeiro:

Pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se considerar outras possibilidades de existência. Além disso, o arcabouço teórico e crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas sobre o modelo de sociedade que queremos. Mulheres negras vêm historicamente pensando a categoria “mulher” de forma não universal e crítica, apontando sempre para a necessidade de se perceber outras possibilidades de ser mulher. (RIBEIRO, 2018, p. 122-123)

Seguindo esta perspectiva, será apresentada a partir de agora a leitura analítica da obra *Hibisco Roxo* (2011), através da apresentação das personagens e suas relações com o meio em que vivem e as concepções de mundo que as rodeiam.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro *Hibisco Roxo* é um manifesto que retrata, dentre tantos pontos, a linha tênue entre “O altruísmo e a tirania religiosa”, escrito em forma de romance. A escritora Chimamanda Ngozi Adichie consegue levar o leitor a refletir sobre temas como o efeito da colonização branca na África, o catolicismo capitalista, a rejeição da cultura local, entre tantas outras problemáticas. Denuncia também a censura política e a precarização das universidades na Nigéria, que nos faz comparar com situações que diversos países atravessam ou já atravessaram um dia. Assim como as demais obras da autora, essa nos traz a história de dor e luta do povo nigeriano, acometido por fatores naturais, sociais, econômicos e políticos, mas na escrita de uma mulher que conseguiu ultrapassar as barreiras do preconceito e narrar com a autoridade de quem viveu essa história.

A história é narrada por Kambili, filha de um nigeriano importante na economia local. Kambili mora com seu pai chamado Eugene (a quem chama de Papa), sua mãe Beatrice (a quem chama de Mama) e seu irmão mais velho Jaja. Apesar de ser muito inteligente, Kambili desconhece coisas como o próprio sorriso. A educação que recebeu não a libertou, seus pensamentos permanecem sempre bem elaborados, mas silenciados, pois a timidez não a deixa falar. Em várias partes do livro, Kambili relata a dificuldade que ela sente ao tentar lidar com as palavras e isso evoca no leitor uma série de sensações e reflexões.

Eugene é dono de fábricas de alimentos e um jornal progressista de oposição ao governo. Apesar de ter nascido na Nigéria, foi educado por missionários católicos ingleses e rejeita qualquer indício de tradicionalismo, pois trata qualquer dessas práticas como pagãs, inclusive, afastando de si e da sua família o seu próprio Pai e só mantinha contato com sua irmã Ifeoma e seus sobrinhos porque ela também havia sido educada por missionários, apesar de que ela sabia lidar e respeitar as práticas tradicionalistas das religiões africanas.

Toda a família é mantida sob um domínio doentio e totalitário, sendo obrigados a seguirem todas as práticas religiosas, sujeitos a castigos caso desobedecessem a qualquer um deles. Embora cometesse tantas crueldades em casa, Eugene ajudava toda a comunidade e recebia a admiração de todos. Kambili o via como o mais próximo de Deus, longe de qualquer tipo de pecado, por isso achava suas atitudes justificáveis. Chimamanda constrói Eugene de uma forma que conseguimos ver como a religiosidade e o altruísmo podem ser usados para justificar a violência.

Beatrice é o retrato da ação negativa do patriarcado. Sempre obediente, de cabeça e voz baixa, vivendo para agradar. Com um pouco de sensibilidade, pode-se imaginá-la com um olhar triste e reprimido. Quando não está na presença de Eugene, fala no idioma *igbo* com os filhos e limpa suas estatuetas de bailarinas é o mais perto que se pode imaginar de um sorriso sincero em seu rosto, apesar da culpa sempre presente por seu marido tê-la feito acreditar que aquilo era errado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutido anteriormente, a obra *Hibisco Roxo* suscita uma discussão complexa a respeito dos efeitos da colonização branca na África, da imposição do catolicismo de viés capitalista e da rejeição da cultura local. Todas essas situações nos levam a observar o contexto em que as mulheres sofrem opressão em virtude de uma visão patriarcal e machista em oposição a um contexto de empoderamento feminino, no qual as mulheres desfrutam do pleno exercício dos seus direitos cidadãos.

**Palavras-chave:** Feminismo; Literatura Africana, Chimamanda, Empoderamento, Escrita Feminina.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BELLIN, Greicy Pinto. **A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem**. Revista Fronteira, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

CHIAPPINI, Lígia. Aprender e ensinar com textos. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. São Paulo: Cortez, 2006.

PERISSÉ, Gabriel. **Filosofia, Ética e Literatura: uma proposta pedagógica**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.